

Os Anjos

Déborá Ferraz

1ª Edição

Câmara Brasileira de Jovens Escritores

Copyright © Débora Ferraz

Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rua Crundiúba 71/201F - Cep 21931-500
Rio de Janeiro - RJ
Tel.: (21) 3393-2163
www.camarabrasileira.com
cbje@uol.com.br

Abril de 2003

Primeira Edição

Coordenação editorial: Gláucia Helena
Editor: Georges Martins
Produção gráfica: Alexandre Campos
Revisão: João Trindade

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por
qualquer meio e para qualquer fim, sem a autorização
prévia, por escrito, do autor.

Obra protegida pela Lei de Direitos Autorais

Débora Ferraz

Os Anjos

Abril de 2003

Rio de Janeiro - Brasil

Prova 02
CBJE

*“Belos e malditos
eles ou ninguém
de carne quase sempre
são anjos para alguém”*

(Alvin L., R. Russo, Dinho, L. Jones e B. Barretti)

Prova 02
CBJE

Agradecimentos

Agradeço em principal as duas instituições que mais ajudaram a fazer do projeto um livro: Escola Pequeno Príncipe (Serra Talhada-PE) e Colégio Objetivo Manáira. Em particular, agradeço a Lupércio que contribuiu imensamente não só para a concretização mas também para a conscientização.

Prova 02
CBJE

*Dedico este livro a todos que acreditaram nesta estréia.
Amigos como Pedrozo, Andréa e tantos outros que
incentivaram a busca. Aos meus pais sem os quais
este livro não seria possível, e a Diego que com
cintilo inesquecível deu todo o apoio necessário.*

Prova 02
CBJE

Sumário

<i>Apresentação</i>	13
<i>Prefácio</i>	
<i>Os Anjos</i>	21
<i>Natasha</i>	31
<i>Lagartixas</i>	39
<i>Sofia</i>	45
<i>Caminhos</i>	53
<i>Feliz Natal !</i>	61
<i>A farsa</i>	69

Prova 02
CBJE

APRESENTAÇÃO

Não é toda hora, mas de vez em, quando acontece. Quando achamos que tudo está perdido, um milagre surge e renova a certeza de que o novo sempre vem. Parece mesmo que é coisa de anjo. Pena que é raro.

É assim, a nova geração diz que sabe, a gente diz que ainda não. Eles dizem que vão, a gente diz espera um pouco. Mas eles são cabeças duras, nem ligam e seguem em frente. Ainda bem que são assim, pois assim nasce o novo.

Grata surpresa esta, de ver um talento florescer e frutificar. Bom mesmo é sentir a coragem e ousadia que servem de lição e modelo. Em um mundo estigmatizado pelas guerras, pelas drogas e pelo poder, vence a palavra, o verbo e o sonho.

Estou certo de que aquele venha a ler a jovem escritora Débora Ferraz, sentirá o entusiasmo próprio da literatura e sua magia, que nos absorve e nos remete ao universo do pensar. Exercício tão pouco praticado em nossos dias, por nossa hermética sociedade. Com uma linguagem fluente e madura, Débora revela-se uma escritora rica em recursos e de uma invejável criatividade, cuja carreira é um fato inexorável.

Não posso me furtar a gratidão de poder participar deste projeto, recomendo o trabalho que muito me impressiona e comove, já que transcende o texto em si mesmo, para servir de alento aos que acreditam não haver qualidade nos jovens e para estimular a capacidade de fazer e realizar.

Bem sei que é raro, mas acontece. Acho mesmo que é coisa de anjo.

Quem ler, acreditará.

Lupericio Filho
Artista e Educador

Débora Ferraz

Prova 02
CBJE

Os Anjos

Débora Ferraz

Prova 02
CBJE

Os Anjos

Débora Ferraz

Prova 02
CBJE

1025

Prova 02
CBJE

Os Anjos

O céu abria-se em pedaços e tomava-se de cinza nos cantos. Impenetrável. No meio, entre uma camada fina de nuvens quase via-se o azul, parei o carro no canto da rua e fechei os vidros tirei a chave da ignição pus no bolso e apertei. Criou-se então uma atmosfera de silêncio. Olhei de lado.

O rosto dele tinha qualquer coisa de angelical, qualquer coisa de puro, de bonito, a cabeça voltada pra frente, olhava através do pára-brisa a chuva, mas não via a chuva, não via o pára-brisa e não via nada. E ao seu lado, eu mal podia pensar em dizer qualquer coisa, afastei mais um pouco o banco e me deixei tomar pelo ruído plácido da chuva na capota. O que seria meu Deus? O meu medo estava sólido, eu apertava o molho de chaves no bolso com força, aquela era a minha certeza de que eu voltaria e entraria em casa. Mas ele continuava sem dizer nada.

Então ele sentiu o cansaço na alma, e uma estranha atmosfera lhe remetia ao estranho gosto do é a loucura, tudo estava meio avermelhado, muito, muito vermelho e segurava com as duas mãos o copo d'água com o rosto emaranhado de lágrimas, a garganta pastosa, e as mãos tremiam fazendo a água no copo balançar, um gosto salgado, os cabelos lhe entravam na boca junto com a água, deixou o copo cair e lá de cima, via gotas de sangue molharem seus tênis e se misturavam com a água derramada e os cacos de vidro.

Mas ele ainda não falava. Seus cabelos eram castanhos e os olhos também, mas assim mesmo parecia um anjo, de qualquer forma nunca era bom olhar muito diretamente porque no canto dos seus olhos, bem ali perto da base do nariz havia algo de obscuro, e anjos nem precisam ser loiros. Pensei em como aquela história começou e todos diziam que gostavam de as vezes parar só pra ficar olhando Michel, ninguém sabia porque, mas achavam bom, ele tinha um sorriso tão infantil, e ninguém sabia dizer que parecia um anjo.

Michel entrava pela porta de vidro e já entrava sorrindo.

— Bom dia! — lhe sorriam as pessoas em volta.

Ele nunca respondia mesmo, tinha um ar tímido, apenas

cumprimentava com os olhos. Um menino. Tínhamos a mesma idade e ainda assim ele era um menino pra mim. Ao seu lado sempre vinha sua irmã. Clarisse tinha cabelos loiros não chegavam a ser lisos, eram inteiros pouco abaixo do ombro, olhos verdes era branca e baixinha.

— Mas Clarisse, ele só pode estar com algum problema. Você é irmã dele e não sabe?

Ele tragou o cigarro, eu olhava pela vidraça a chuva caindo do lado de fora do carro, e na pressa de não voltar a pensar ocupei minha atenção na água que escorria pelo bueiro, forte, tensa correnteza, implacável, carregava coisas pequenas que passavam rápido e mais rápido que num instante saiu em jatos, era um rio, água continuava sumindo nos bueiros, era marrom, mas eu via branco. O barulho também era tenso, e fazia uma pressão maior que antes na capota. Quis sorrir, mas de que? Então comecei a pensar que era melhor ir embora e pensar nisso me fazia apertar ainda mais o molho das chaves.

Michel acompanhava a musica, e sem camisa era ainda mais bonito, tinha alguns pelos que corriam na direção do zíper da calça e traíçoeiros sumiam debaixo dela, continuavam debaixo dela. “*So darling, darling stand by me, oh stand by me...*”

— O que é isso?

— Ahn?

Apertou os olhos em forma de interrogação. Deitado no chão da sala, ouvindo musica com os o braço esquerdo debaixo da cabeça.

— Esse corte Michel. O que foi isso?

— Ah esse corte...— angelical, doce, sorriu— foi um gato.

E continuava cantando ao meu lado “*Stand by me, Stand by me*”

Ele próprio amou seu nome desde criança, desde muito antes de aprender inglês, desde antes de estudar todas as línguas que conheceu porque os Beatles o cantavam sempre. Não entendia mais nada da letra alem do seu nome, mas depois descobriu que não chamavam Michel, e sim Michelle e que Michelle era nome de mulher mas isso não abalava nem um pouco a

adoração que tinha pelo próprio nome, porque eles ainda pronunciavam “*Michel, mai Michel*”. Detestou quando foi fazer intercambio e todos insistiam em lhe chamar de outro jeito. Não era o jeito dos Beatles.

Ele escorou a cabeça no banco. Pensei em acabar logo tudo aquilo, poderia ser amanhã. Olhei no relógio: três e cinco. Isso. Isso. Amanha continuo, mas como vou interromper? Agora que já comecei? A chuva parecia dar uma trégua, por alguns instantes, pingo nenhum caia. Ele deixou escapar um suspiro de alívio e jogou a fumaça. Cansei de pedir pra parar de fumar. Chuva sempre o deixava nervoso e ele ficava quase feliz em vê-la passar. Era isso! Melhor deixar pra uma próxima oportunidade.

Eu me lembrava... se lembrava... musica alta, luzes e aquela criatura estranha ali enfurnada.

— Oi

— Oi

— Você tem fogo?

Tinha o copo de uísque estendido e por trás do liquido eu via seus dedos deformaram-se. E a menina ao seu lado, Clarisse.

— Como você entrou aqui?

— Entrando — ela falou, mas sem deboche, sem pretensão.

— E não é muito novinha?

— Tenho 18 anos. O suficiente.

Ele estendia o isqueiro e ela sumia dançando como se estivesse possuída. Tinha o fogo nas mãos. Seu braço não tinha marcas, saltavam veias perto do pulso e a chama no isqueiro vacilava.

Havia um clima diferente em lugares como aquele era onde os cacos eram varridos pra debaixo do tapete, tinha anjos.

Depois que a humanidade formou-se, o céu constava um firmamento e uma hierarquia própria. Depois da revolta de Lúcifer, tudo havia voltado a ser perfeição ate que surgiram anjos, que por virtude, não tinham asas nem aureolas. Suas almas não eram tão leves quanto as dos demais, tinham o peso dos sonhos

fosse por que fosse.não conseguiram voar para o céu. Seu peso os fez cair em chamas. Suas vozes oprimidas, seus gritos viscerais não fizeram a compaixão dos anjos do céu que voaram para sempre sem crer na virtude dos anjos caídos e agora traídos.

Os anjos caídos ficaram presos a eternidade, como perdidos espíritos melancólicos, condenados a viver no mal e ate que as chamas transformem-se em luz, estarão gritando e sofrendo, mas anjos não se corrompem, não sabem se defender.

Então ele me ofereceu um uísque enquanto eu juntava meus cacos para lhe oferecer a coisa inteira. Me daria vergonha de lhe oferecer remendos, mas não naquela ocasião, onde havia pó se escondendo.

Eu tinha aceitado o uísque e em troca ofereci minha alma. Ele rebateu e fomos morar juntos ouvindo Beatles. E eu amava Beatles. Tínhamos lido “Ilusões perdidas” juntos e imaginávamos qual seria o final se o Lucien Chardon fosse com nos, mas detestávamos pensar assim, porque éramos iguais a ele mesmo que as pessoas vissem diferente.

— Sabe, é complicado falar — recomeçou ele aproveitando a pausa da chuva.

— Vou entender. Eu sempre te entendo. Por que não confia em mim?

— Não e uma questão de confiança...

“Como assim” eu pensei, mas esperei que ele falasse algo, suas reticências me faziam ter a certeza de que falaria, aguardei com ansiedade, mas a chuva recomeçava.

Michel costumava entrar sorridente pela porta de vidro do meu trabalho.

— Bom dia Michel! — lhe sorriam as pessoas em volta.

— Oi — ele me olhava com tanto trabalho pra fazer e eu esperava desesperadamente a hora do almoço, esperava tanto...

Na mesa ao meu lado a namorada de um amigo meu chegava e o beijava e eu achava engraçado como ninguém reparava nem via nada estranho. Naquele dia ele usava camiseta branca.

Tinha braços fortes, mas não musculoso, na verdade nunca gostara de exercícios físicos, tinha que me usar como estímulo pra correr um pouco. Sangue escorria do seu braço.

— Que foi isso, Michel?

— Ah isso? Não foi nada... acidentes.

— Mas você cuidou desse corte? Tome mais cuidado. O de ontem, do gato, nem sarou ainda...

Clarisse sorria ao lado dele

— Então? Vai poder sair? — Ela dizia tentando cumprir sua parte.

— Clarisse, meu anjo, acho que hoje não da. Estou com muita coisa pra fazer.

Ela tinha umas coisas estranhas... mania de pintar os olhos de preto, mania de vestir branco... parecia... parecia sei lá o que. Tinha dezoito anos mas parecia ter catorze. Isso de longe, porque de perto parecia ter cem. Amava o irmão, mas detestava lhe fazer favores e sair conosco. Assim mesmo, entendia a situação.

Michel também parecia mais novo. Eu lhe daria uns dezesseis anos, mas ele era da mesma idade que eu : vinte e um. Aquele menino engraçado, católico com mania de rezar todas as noites, dizia que era pra salvar a alma, cantava "*Let it be*" de olhos fechados. "Gosto de rezar. Meu corpo precisa de anjos" — dizia.

— Michel você tem apanhado?

— Não.

— Então me explica isso no rosto.

— O que no rosto?

— Um corte.

Ele passou a mão no próprio rosto e sentiu o sangue escorrer. Olhou para s dedos úmidos e vermelhos. Eu sentia pavor.

— Ah... nem tinha notado. Mas e raso, acho que não vai ficar cicatriz.

O corpo precisava de anjos, e ele nem sabia que o anjo era ele.

Ele não dizia mais nada, pus as mãos no volante e decidi não pensar mais. Não podia pressionar alguém que estava des-

perado procurando um meio de dizer algo, mas sem conseguir parar de pensar na chuva, era como se quisesse chorar.

Saíamos sempre em três: Clarisse, Michel e eu. E enquanto Michel pegava cervejas, eu conversava.

— Mas eu simplesmente não entendo, Clarisse.

— Nem eu. Vocês estavam tão bem... eram tão naturais.

Nunca vi nada mais verdadeiro. Ainda se...

— Se o que?

— Não, não, nada. Esquece.

— Esquece não. O que foi?

— É que... bom isso faz muito tempo. Michel era pequeno.

— Anh...

— Eu não lembro direito. Se ele era pequeno eu era mais ainda.

— E o que houve?

— Foi muito estranho... ele começou a sentir dores.

— Dores?

— Sim. Dores. Dores estranhas em lugares diferentes.

Lembro que ele gritava de dor.

— O que era, Clarisse?

Michel se aproximava tinha agora mais cortes ao longo do corpo. Mas ainda sorria. O rosto estava normal, sem cicatriz.

— Melhor você falar com ele.

Então ele abriu o cinzeiro e apagou o cigarro. Pela primeira vez, desde quando falei com ele, ele olhava pra mim. Senti que ia falar. Passou dois dias chorando depois que o copo caiu com as gotas de sangue e a água tremida e molhou seus tênis e era estranho porque ele mal falava comigo nesses dias.

A chuva o fez chorar. Aquela era a segunda vez que eu o via fazer isso, então o abracei meio sem jeito porque no carro e meio desconfortável. Ele me abraçou também com os braços completamente machucados por baixo da jaqueta, abraçava forte. A chuva forte, a água correndo, os cacos espalhados e os anjos sofrendo. Tirei aquela dor do fundo da alma. Tínhamos nos apai-

xonado como se apaixonam os espíritos melancólicos: Ele cantando “*Let it be*”, nossas idéias, nossos planos nossas coisas, nosso álbum de fotos, nossas bebedeiras de madrugada — e na semana! — levando Clarisse pra nos proteger, porque anjos não se corrompem, mas anjos tem medo.

As lágrimas escorriam pela minha face como chuva. Sempre disseram que eu tinha um rosto doentio que era atenuado pelas belas ilusões que eu guardava como um segredo mas quando o conheci eu já tinha em minha boca há muito tempo o gosto amargo daquele uísque que sempre travava na garganta. De travoso, de repente, tornou-se suave, doce como um licor que era tanto e tão pouco. Fiz do meu segredo o nosso pacto de comunhão.

Eu estava ali passeando por aquele corpo que refletia o meu com perfeição, mas minha alma era seu abrigo, e a dele aceitava a minha como quem aceita um amigo. Ele acariciou meu rosto e eu senti-lo arranhar sua mão.

— Não vai embora, Fabio. Não sou mau.

Seus olhos estavam desesperados gritando por socorro com todas as suas forças, mas era como se por mais que gritasse, não conseguisse mudar o volume e era como se sussurrasse. Repetia: “Não sou mau, não sou.”

— O que esta havendo? Não vê que eu não gosto de te ver assim? O que são esse cortes? Por que cortes e cacos de vidro? Você vai me deixar maluco!

— E não sou mau.

— Você é um anjo.— passei a mão pelo seu rosto e senti sua aspereza masculina.

— Deixa eu ir, Fabio. Amanha a gente conversa.

— Então vamos pra casa.— eu tirei a chave do bolso e pus na ignição.

— Não. Eu vou a pé.— então Michel abriu a porta

— Mas esta chovendo! — eu gritei mas ele já estava na frente caminhando de cabeça erguida e eu que queria correr atrás dele sem poder.

Os Anjos

Sua imagem ficava serena de mãos no bolso debaixo naquele céu que não se movia, através de árvores que não balançavam. O movimento do dia era unicamente vertical — a água que caía. Seu corpo sumia dobrando a esquina enquanto eu acelerava o carro noutra direção.

Foi a última vez que o vi.

Wattson

Prova 02
CBJE

Natasha

Eu fumava um cigarro, tenho que comprar outro maço mais tarde. tomei um gole a mais daquele wiski vagabundo, diziam que era Johnny Walker... mas tinha gosto de formol, clorofórmio... não sei dizer... fazia tempo que eu não bebia nem um nem outro. E nem havia tanta importância, eu não via mesmo muita coisa:fumaça de outros fumantes... umas fumaças de canela e outras de cigarro comum... o lugar era escuro, mas haviam muitas vozes.

— Mais uma!

— Com gelo?

— Cawboyzinha.

Ele derramou um pouco do que tinha na garrafa no copo.

— Bom assim?

— Amigo, Pedi uma dose e não uma gota!

Ele pôs mais um pouco... não muito mais, não era burro e sabia a quantidade de uma dose... sabia também que em minhas condições de embriagues nem faria tanta diferença, e afinal, nunca tinha me visto mesmo...

Aquela era a famosa rua da lama, quando pequeno ouvi muitas vezes mamãe amaldiçoa-la... aquilo me fazia criar uma curiosidade cada vez maior por aquele lugar, papai gostava. Por que mamãe não? Ele chegava em casa de manhã com um cheiro doce na roupa, um cheiro bom... mamãe se trancava no quarto e eu ouvia uns barulhos altos abafados, sentado no chão da sala. A vitrola enganchava em algumas músicas de Frank Sinatra, eu esquecia de prestar atenção nos gritos e prestava atenção na raiva que eu tinha por não alcançar a agulha.

Cresci vendo mamãe esperar por papai, xingando a rua da lama... que bobagem, o lugar tinha cheiro bom... até que de repente, ele deixou de sair... eu ainda acordava de madrugada, sentava no chão da sala quando a casa já estava em silêncio, olhava para cima. os discos estavam quebrados pelo chão e a garrafa de Martini rosê virada sobre a caixa de som. Algumas gotas de sangue se misturavam aos copos de cristal da coleção — que estavam

em cacos — olhava para o teto cantando baixinho a única coisa que eu sabia cantar: “New York, New York”

Eu não sabia que aquele seria o último dia da minha infância.

Do fundo dos corredores, passos que se aproximavam fortes e amedrontantes. eram do corredor, mas pareciam vir de dentro de mim, fechei os olhos para não gritar e estragar o suspense e a beleza do silêncio.

— Você!

Eu abri os olhos, era o meu pai ainda com a roupa que tinha vestido no dia anterior, mas agora sem o terno e com o nó da gravata na altura do tórax.

— Venha comigo! Já é um homem.

Eu obedeci sem saber exatamente o que ele queria dizer, levantei do chão com cuidado pra não me cortar nos cacos de cristal, ele saiu na frente e eu o segui.

— Abra os portões que eu vou tirar o carro.

Eu já alcançava as dobraduras da porta, e quando abri um arrepio me levantou as carnes, pensei que era porque estava só de calças, sem camisa mas era a brisa da madrugada, mais intensa que qualquer outra, eu pensei. Ele tirou o carro da garagem e me mandou fechar e entrar no carro. Eu o fiz.

— Sabe, guri, de madrugada, tudo é mais intenso — ele disse parecendo ouvir meus pensamentos, fez a manobra no carro e saiu a 60km/h de cara.

— Com quantos anos você está?

— Treze — eu respondi, meu queixo tremia, meu rosto estava vermelho, acho que também pelo frio.

— Treze anos... — ele pôs um cigarro na boca, tragou e repetiu — treze anos... E o que uma pessoa de treze anos faz?

Eu olhava em frente, não para a rua, para o pára-brisa, estava com os braços cruzados, as mãos debaixo dos braços e respondia sem olha-lo:

— Jogo bola, Arrumo encrenca... estudo — afinal era meu pai quem me ouvia.

Ele deu uma risada alta enquanto fez uma curva de noventa graus a mil... sua risada me deu medo.

— Sei... e faz buracos nos banheiros das meninas para vê-las, compra revistas pornográficas e esconde debaixo da cama... ou voce pensa que eu não sei o que você faz no banheiro?

— Você as achou?— eu perguntei espantado, olhei pra ele e ele riu mais.

— Nem precisava, moleque. Tive treze anos também. Agora escute o que eu quero saber: Já estive com uma mulher?

— Como assim? — eu voltei a olhar para o pára-brisa.

— Você já fez sexo?— ele gritou irritado.

— Não! Eu disse abaixando a cabeça. Mas já cheguei muito perto.

Ele ficou sério e parou o carro. Arrependi-me de não ter prestado atenção no caminho, não sabia onde estávamos, mas sei que tinha gente bebendo, cheirando um negócio que eu já tinha visto nos documentários, mulheres pintadas e com roupas curtas, e muitos, muitos homens bêbados.

— Não se preocupe. Hoje vou lhe dar um presente. Desça!

— Mas sem camisa?

— Se fosse sem roupa ainda facilitaria. Agora desça, vamos.— ele desceu do carro sem travar a porta. Eu descí também, eu era um menino, mas sabia do que ele estava falando, eu tinha treze anos, não tinha mais oito e sabia que aquela era a rua da lama.

Entreí no bar logo atrás dele, fomos até um balcão sujo e ele pediu alguma coisa. O homem voltou com um wiski Johnny Walker red. Eu fiquei olhando aquilo tudo, algumas horas me dava nojo, e outras vezes me causava êxtase. Ainda olhava para os casais que se atracavam por todos os cantos, quando me chamou. Foi quando conheci Natasha.

— Taí: presentinho de papai.

Era uma moça que tinha os olhos muito pintados de preto, a boca muito vermelha, era magrinha, mas tinha curvas, os cabelos soltos, encaracolados e vermelho em algumas partes—

preto nas demais. Muito branca. Tinha cerca de quinze anos, sem os saltos, dificilmente teria mais que 1,63.

Ela se aproximou de mim e me puxou, foi me guiando pela multidão, subimos uma escada e entramos em uma quarto, eu estava muito perto, e senti dentro do quarto o cheiro doce com que meu pai sempre chegava.

— Que cheiro é esse?

— Patchouly. — respondeu sorrindo maliciosamente e se aproximando de mim. Insistindo em tentar abrir o zíper da minha calça. Aquilo me causou um medo tremendo..

— E você qual é o seu nome? — gaguejava tentando escapulir das suas garras.

— Natasha.

Ela não era muito de conversar. não podia perder tempo. Tinha outros clientes.

— Sou Gustavo. Muito prazer.

— Muito.

Estava imprensado contra a porta, num ato rápido, saí dali pro outro lado do quarto minúsculo.

— E... o que você faz além disso?

— Streap tease.

Disse vindo me agarrar novamente. Dei um riso sem graça.

— Streap tease... interessante.

Ela se afastou com um sorriso malicioso, tirando ritmadamente a jaqueta jeans. Mas eu não prestava atenção, ao invés disso, olhava para os outros cantos do quarto. Ela parou tudo: o streap tease, e de sorrir.

— Você não me quer? — fez uma cara triste, mas provocante.

— Não! — eu respondi para a sua e para a minha surpresa.

Vi a garota se desesperar, pôr as duas mãos na cabeça e olhar pela janela.

— Como assim? Você também acha que eu sou a pior daqui? Escuta, não pode dizer nada porque ainda não provou. Disse e me jogou na cama deitando-se sobre mim com sagacidade, insistia com violência para tirar minha calça.

— Pára, Natasha!— eu gritei. Ela parou na mesma hora. Sentou-se num surto e começou a chorar. Arrependi-me do que tinha feito.

— Preciso do dinheiro, porra! Como acha que me sustento? Se eu não fizer um bom serviço não recebo. Seu pai não me paga.

— Ele vai entender...— tentei remediar, mas ela me olhou com cara de revolta e raiva.

— Seu pai é um escroto! Nunca paga nada e diz que sou a pior.

— Não é isso...— parei pra pensar enquanto Natasha ascendia um cigarro — então vamos fazer assim, não conto nada a meu pai, ele te paga, mas só se você ficar quieta e apagar esse cigarro.

— Fazemos o que então?

— Conversamos...Há quanto tempo você “trabalha” assim?

— Uns seis meses.

— E por que?

— Porque quero.

Natasha continuava sendo de pouco papo, esmagou o cigarro no chão.

— Desculpe se não quero... você sabe... mas é que... sempre imaginei diferente... com uma menina e não com uma... quer dizer... eu sei que você não deve ter tido muita escolha...

— Eu tive.

Eu pasmei.

— Como assim.

— Fuji de casa. Abandonei meus pais, meu colégio particular, meu primeiro namorado... eu queria viver na noite.

— Mas não acha que... sei lá... você se revoltou com algo?

— Não. Fuji por fugir... nem foi planejado, saí da cidade e achei emprego aqui.

Natasha me contou sua história, era bonita, mas sempre muito séria, tinha dezesseis, era prostituta e escrevia versos curtos, meio hippies sempre que podia, mostrou-me uma tatuagem

obscena que tinha na nádega esquerda e me contou histórias que nunca imaginei que pudesse ouvir.

— Por que não me quer? — ela já sorria descontraída, mas eu já tinha esquecido que estava com uma prostituta. Eu olhei par ao relógio.

— Porque não tenho mais tempo. — eu respondi me levantando, apanhando algumas folhas com seus versos e me levantando.

— Espere! — seus olhos estavam vidrados, sua respiração ofegante, o porquê eu não sabia mas aquilo me desesperava.— Não cobro por conversa. Vem aqui outras vezes...— e sorriu com simpatia. Eu retribuí o sorriso e saí do quarto.

— Mais uma dose chefe?

— Dessa droga aí? Hoje não... talvez quando eu quiser o suicídio.

— Ah... lá vem ela!

Virei de costas para o garçom. Bêbada e maltratada ela me chegou.

— São dez reais a hora.

— Muito caro.

— Sou a melhor. Não pode reclamar.— e abriu uma gargalhada vulgar. Apertou bem os olhos.

— Quem é você?

— Meu nome é Gustavo, vim devolver isso — e lhe estendi os papéis tirados do bolso da minha camisa de linho amarrada por uma gravata frouxa.

Ela começou a rir histericamente, eu sorria com prazer, inclinando a cabeça.

— Não se preocupe. Eu não cobro por conversa.

Langartixas

Prova 02
CBJE

Lagartixas

Ela ainda andava. Caminha devagar pelo capim, espeta-se na mata fechada, pisa a terra ressequida feito pele de veelho. Atravessa a pista, tropeça numa lata e avança pelo outro lado do mato. O sol ainda brilha quente e limpo, mas está mais suave agora que há meia hora. O céu azul move-se com rapidez; o tempo bom e o horário fazem as nuvens ficarem coloridas; umas camadas de laranja, roxo e mel fazem com que ele fique bonito. Ainda assim, parecia mentira que alguém pudesse morar lá.

Ela ainda vê muito sangue em suas unhas, pegajoso agora que está mais seco. Olha para suas sandálias, e ele gruda seus dedos do pé. Por uma trilha fina, ela atravessa o mato, na direção de uma árvore; a mochila pesa em suas costas. E sentindo-se esgotada de tanto andar, deixa-se cair deitada. Finalmente, o crepúsculo... ali, ninguém a encontraria tão cedo. Em sua blusa, até mesmo na bermuda, uns respingos de sangue, o qual ela não vê, mas pode sentir o cheiro. Por um instante, lembra de Ítalo. Aberta os olhos, tentando ver melhor o sangue, lambe as mãos para umedecê-las e limpa melhor com uma folha. Algo a espeta no bolso da bermuda. Ela tira uma panelinha de plástico cor-de-rosa; no outro bolso, algumas bolachas que guardou do recreio quebram em pedaços pequenos; Põe na panelinha e apóia entre os joelhos. É gostoso brincar assim, sozinha.

Ainda faz calor, mas, de madrugada, o tempo haveria de esfriar; poderia dormir tranqüila. Só ouve, como sinal de vida humana, os carros, que voam pelo asfalto; exceto isso, só os grilos e mais nada. Lembrou-se da dona Mirtes, da qual tem nojo, por ter a pele seca demais. Sempre que olhava para as mãos enrugadas dela, tinha que lambe-las; era por causa da idade, o pai dizia.

— Cozinhou! — Disse pra si mesma — e pôs-se a comer as migalhas da panelinha.

Será que papai daria comida ao peixinho, agora que estava longe? Bem queria chamá-lo de Beto, mas papai disse que dar nome a bicho assim era uma coisa idiota.

Anteontem, entrou outra menina no colégio, porque o pai dela tinha se mudado. Chamava-se Teresa; pelo menos, ouviu os outros a chamarem assim. Tinha estado com febre, no dia que ela chegou, e, quando voltou no outro dia para o colégio, ela estava lá. Usava o cabelo preso por um elástico vermelho e ainda não tinha uniforme. Vieram, também, com ela dois irmãos, mas estes foram para outras salas.

Havia algo de estranho nela ultimamente, e estava meio quieta demais. Ficava olhando para o chão e vendo alguns fios do seu cabelo cacheado, que ficava caindo no seu rosto. Ficava olhando para o chão, olhando para os pés.

— A minha é vermelha. Mais bonita. Continuavam os outros brincando, sem notar o seu silencio. A professora dizia que foi a morte da mãe que a deixou assim, porque tinha irmãos demais, e um pai nunca substitui uma mãe, principalmente sendo ateu — “um absurdo! Que espiritualidade vai ter essa menina que não é nem batizada?”

Mas ela tinha feito muitos amigos, ultimamente, e agora ficava agoniada, porque havia gente demais ao seu redor. Gente por todos os lados — no colégio, em casa, no bar de papai... como ia decorar tanto nome?

As ultimas semanas foram um inferno. A professora mandou um papelzinho para o pai, porque ela esbofeteara duas colegas e derramou suco de uva nelas; e anteontem, à noite, passou a manhã tremendo de aflição, por não agüentar mais ver gente e também pela sova que levou em casa, quando entregou o papelzinho. E não dormiu mais o dia todo; só enfiava o rosto no almofadão da sala, tentando se sentir o mais sozinha possível, enquanto as outras crianças corriam, fazendo zoadas, felizes por estarem acordadas até tarde, enquanto os pais festejavam.

E a galinha fumaçando no espeto. Ela não podia suportar os ruídos em suas orelhas e se precipitou, às marchadas, para o banheiro, onde encontrou, no azulejo frio da parede que fedia a mijo e cachaça, um lugar onde não pode entrar mais de uma pessoa, — como dizia a mãe, enquanto ainda era viva. Lá mesmo

vomitou, aos soluços. Depois teve um forte sangramento no nariz. Quieta, abriu o chuveiro e via o sangue escorrer pelo ralo; sentiu tanto nojo que quase vomitava de novo. Não por causa do vômito gosmento, misturado com água e sangue que desliza pelo seu pé, mas por causa das pessoas que estavam ali fora. Ainda podia ouvi-las com perfeição. Aproveitou para tomar banho; depois, subiu na pia, pra ver, no espelho, seu rosto vermelho e inchado.

À noite, o pai zombou dela, “minha menorzinha”, como ele costumava se referir a ela. “É mesmo um machão. Nunca brinca de bonecas e ainda esbofeteia as coleguinhas”. Alguns outros bêbados repetiam isso com risadinhas, o Sagüi, por exemplo, — como costumavam chamar.

Hoje, ao meio dia, ela atirou um paralelepípedo no pequeno e gorducho Ítalo metido a besta. Sua pedra, a mesma com que matava lagartixas, que iam para o céu ou pra onde fossem,— mas matava mesmo sem saber.— Ela, então, jogou a pedra por trás, como sempre fazia, no pescoço de Ítalo.

Tudo foi muito rápido e muito simples: a pedra o fez cair na hora, — que nem uma lagartixa, e Ítalo nem gritou; só soltou um gemido profundo pra dentro, e nada mais acontecia. “Se a policia não pega, o cara fica normal” dizia o pai, para educá-la, e, no momento, sentiu um gelo na barriga. “Tão simples e o colégio tão lotado!”.

Foi, é claro, muito barulhento quando o corpo gorducho caiu no chão. Uma ferida nojenta e uma incrível quantidade de sangue, que ela tocou pra saber se era real. Como podia sair tanto sangue de uma ferida tão feia? Com as lagartixas não era tão feio, e depois elas simplesmente sumiam — o que seria difícil de acontecer com Ítalo. Mas, ainda assim, era uma sensação melhor: lagartixas não lhe davam tanta agonia.

De repente, o lugar começou a encher de gente. Dona Mirtes, avó de Ítalo, foi uma das primeiras que encheram o lugar com sonoros soluços; os dela, tão secos quanto sua pele. O Sagüi correu depressa, pra avisar ao padre, repetindo “que tragédia, que

Os Anjos

tragédia!”, e ela, ali, escondida, mas seu pai a viu e foi se aproximando, como se fosse engoli-la; igual aos filmes que davam medo. Foi quando ela, finalmente, soltou a pedra e começou a correr, passando pelas ruas do bairro, pela lama, pela rodovia, sem pausa, até chegar ali.

Agora, tudo era silêncio; só o ruído dos biscoitos que mastigava e o barulho dos carros na pista. Pra Ítalo, faziam uma pedra de mármore com estrelinha e cruzinha; um caixão bem branquinho, lindo.

Ela olha para o céu escuro, sem estrelas e sem lua. Poderá caminhar seguindo o sol, a lua o vento ou o que for, só pra ver onde vai dar. Talvez chagasse ao deserto, pois sabia que, no deserto, ficaria sozinha, sem ter que vomitar. Lá, podia alimentar-se de areia, com muito prazer, e beber sangue dos cortes, que ganhava pelo matagal.



Prova 02
CBJE

Sofia

Esse era o dia. Enfim, tinha tomado coragem; não que ela já viesse pensando nisso há muito tempo. Foi depois do fim de tudo que essa idéia começou a lhe perturbar; tentou buscar outras saídas, mas todas as portas estavam fechadas.

Pensou na sua religião; ela nem sabia mais se ainda acreditava em Deus. Rezava, de vez em quando, nas horas em que estava em pânico; era como uma coisa automática. Mas, se realmente existia o inferno, era pra lá que ela iria; sua avó dizia que Deus conhecia o princípio o meio e o fim. Então, nesse caso, Deus já sabia disso há muito tempo; se ficasse ofendido, azar o dele.

Vestiu seu vestido azul; era o preferido de Humberto. O tom suave e a leveza do tecido tocavam, com delicadeza, a sua pele alva, limpa e macia; os cabelos estavam artificialmente cacheados.

Olhou para as asas que iria pôr; fazia parte da sua fantasia de anjo. Havia usado a mesma fantasia, no último dia das bruxas, logo quando o conheceu; e ela nunca iria esquecer nenhum detalhe: nem da fantasia de monge que ele vestia; muito menos do fato de terem se beijado no escritório do seu pai, quando ele se sentiu mal durante a festa, e ela, como anfitriã, se ofereceu para ajudá-lo.

Qual fantasia poderia, ainda, se encaixar melhor nela? Afinal, ela realmente era suave como um anjo, mas também muito frágil e vulnerável.

Sentou-se na penteadeira, olhou no espelho com a maior das indiferenças quanto a si mesma; estava muito magoada. Se a história de amor dos dois não tivesse tido um fim tão duro, naquela noite estariam completando um ano de namoro.

Maquiou-se, sem muitos retoques, bem simples; ensaiou alguns sorrisos e tentava escolher qual deles seria o mais convincente; não que ela quisesse chorar, e antes quisesse, mas já havia perdido os sentimentos de tanto chorar; não havia mais alegria, mas ela era a anfitriã; não poderia esquecer isso, e só iria interromper a festa depois das doze.

Deu um último suspiro, pegou o bombom. Propositadamente, do mesmo que tinha recebido como agradecimento dele, há um ano.

Desceu a escada. Não era uma casa muito grande; foi necessário tirar alguns móveis da sala de visitas.

Os primeiros convidados foram chegando. Campainha, gente, gente, música, adolescentes dançando. Campainha, gente, sorrisos. Campainha, susto, gente, Humberto, oi. Música mais alta, adolescentes dançando, doces ou truques, luzes, gente que se diverte, agonia, Humberto e Celine, beijo, meia noite.

— Ela mandou lhe chamar no escritório — disse um dos seus irmãos mais novos a Humberto.

— Deus, mas ela não se cansa de tentar te reconquistar, não é? — Disse Celine, que não era tão alta quanto Sofia, mas também muito bonita; de uma beleza diferente, tinha os cabelos curtos, mais ou menos na altura do queixo, bem negros e bem lisos, sempre postos no devido lugar; era magrinha e tinha os olhos escuros e misteriosos. Era a atual namorada, a moça por quem ele havia deixado o anjo.

— Mas ela mandou te chamar também Celine.

A moça olhou desconfiada; afinal, o que estava tramando dessa vez? Nada mais seria surpresa; já havia tentado lágrimas, sedução... até mesmo já havia tentado fazer sexo com ele. Era horrível para uma namorada, mas Celine era segura e, se ainda não o havia perdido até ali, não seria mais naquela noite que iria perdê-lo.

Ele respirou fundo e tomou mais um gole de ponche.

— O que ela quer falar?

— Não sei; disse que queria que os dois fossem vê-la agora; ela está no escritório, como eu já havia dito.

O menino se retirou. Doze anos de idade, vestido de duende, sequer fazia idéia das barbaridades que a irmã, Sofia, com apenas dezesseis, já tinha aprontado.

— Vai só você. É com você que ela quer falar, não sei aonde quer chegar, me chamando também.

— Ao mesmo lugar, eu acho; foi lá que nós nos beijamos pela primeira vez.

— Vá e fale com ela; diga que não é bom pra ela ficar se desgastando tanto nessa história; já tem dois meses que ela insiste em nos separar. Não deve ser fácil, mas ela precisa mais é se apaixonar novamente, substituí-lo.

Ele não gostou da idéia; por ciúmes, egocentrismo ou pelo que fosse, iria tentar pular essa parte; isso não, de forma alguma! Ele não queria que ela o esquecesse.

Ele entrou no escritório. A visão que teve o assustou; ela estava de costas para a porta, de frente para a janela, e, por alguma razão, o ambiente lhe causou medo.

— Estou aqui.

— Eu sei que você está, mas onde está ela?

— Celine?

— E quem mais poderia ser?

— Sofia, nós temos que conversar...

— Não. Não temos. Você mesmo dizia isso. Tenho algumas coisas a dizer. Ela é peça chave, hoje.

— Peça, Sofia? A vida não é um jogo, não é brinquedo; não somos suas peças.

— Se não for buscá-la, eu irei pessoalmente.

— Tudo bem. Eu vou. Quero saber o que nos espera dessa vez.

Ele estava assustado. Por algum motivo, não estava gostando muito dessa nova postura dela. Preferia a outra, a Sofia que sempre conheceu: a menina inteligente, linda como um anjo e meiga, mas que sempre batalhou pelo que queria, mesmo que por meios duvidosos; essa era Sofia.

Ela tocou no vidro da janela, que era mais ou menos da sua altura; ela abriu a primeira gaveta da escrivaninha, tirou o objeto pesado, deslizou os dedos no revólver, para sentir sua frieza. Olhou, novamente, para a janela. Guardou a arma, para esperá-los naquela mesma posição: de costas; não queria vê-los entrando.

A porta se mexeu; ela ouviu o barulho.

— Fechem a porta.

Ele fechou.

Celine também sentiu um frio lhe subir pela espinha, mas disfarçou seu medo e, com toda a impetuosidade que a fantasia de Cleópatra lhe dava, tentou intimidar Sofia de alguma forma.

— Acabe logo com essa história. Mostre seu rosto.

Sofia virou-se de frente, com o rosto banhado por lágrimas.

— Não chamei vocês para ouvir, e sim pra falar.

— Achei que fosse um truque novo, mas o das lágrimas você já tentou — Ironizou Celine; mas Humberto continuava pasmo, calado, comovido e, agora, com as duas, frente a frente, estava seguro sobre quem amava.

— Existe muita coisa que você não sabe sobre seu grande amor, Humberto...— O coração de Celine quase explodiu; ela poderia contar a Humberto tudo o que sabia sobre seu passado sombrio. — Mas um dia você vai descobrir, e eu não vou querer lhe ver sofrer.

Ela abriu a gaveta, tirou a arma.

Celine espantou-se; teve a certeza de que, se alguma bala saísse daquele revólver, seria para ela; gritou, mas a música era alta. Quis correr, mas Humberto a segurou.

Humberto se surpreendeu também, mas não estava tão preocupado; Sofia não sabia atirar.

— Essa louca vai me matar! Solte-me, ou vamos morrer!

Mas ele a segurava, cada vez mais firme.

Sofia chorou mais, pensando no ponto em que havia chegado.

Aproximou-se dele e, com a mão direita, o abraçou e o beijou na face.

Ele soltou Celine, que saiu correndo como uma desvairada, sacudindo a fantasia egípcia.

Ele também a abraçou.

— Sofia...— Ele murmurou.

Antes que terminasse de dizer qualquer coisa, ouviu um

tiro. Não viu sangue; só sentiu o corpo da bela Sofia amolecendo em seus braços.

— Sofia! — Ele gritou, vendo que ela ainda estava de olhos abertos, recebendo o anjo negro da morte.

— Eu te amo, Sofia! Acorda! — Gritou, desfazendo-se em lágrimas.

Ela sorriu. Fechou os olhos, usando todo o resto da sua força, para falar.

— Tarde demais!...

E morreu.

Camille Hobbs

Prova 02
CBJE

Caminhos

Os olhos de Luciana, cansados e vermelhos, olhavam em volta. Como podia tantas pessoas juntas e tão dispersas? E tão felizes? E tão fúteis? Ela chorava, discretamente, e, com a ponta do dedo médio, enxugava as lágrimas, antes que estas caíssem. Estava triste; sua alma gritava, mas ela permanecia calada. Ninguém via isso?

— Cigarros? — Ele não sabia o que dizer. Não havia o que dizer. O que diria? “A vida é assim mesmo, e nunca quis te deixar tão mal”?

— Não, obrigada; estou tentando parar... — e sorriu com ironia, olhando pra cima, como se soubesse que não iria parar. Era sempre assim: nunca parava. Adesivos, filtros, chicletes de nicotina; parecia até que quebrar promessas fazia parte da sua estrutura. Seus planos, panos e corpo eram flácidos; nunca pararia nem de fumar nem de se perder pelos caminhos que escolhia, nem de se perder de si mesma.

Ela vinha sorrindo na sua direção. Os olhos contornados de cor, uma aparecia saudável e alegre; uma dessas mulheres que gostam de correr todos os dias e tem horror a carne vermelha, deslizava com perfeição, sobre os saltos das botas e desviava-se dos que dançavam com total desenvoltura.

— Vocês não vão beber nada? — Perguntou, gritando.

— anh?

— Vocês dois aí; não vão beber nada?

— Depois. Você está muito bem! Depois te conto umas coisas.— disse sorrindo, abertamente, quase demonstrando leveza; sorrir assim fazia seu rosto doer. Embora se especulasse a falsidade entre amizade das mulheres, elogios às vezes são verdadeiros. Ela estava mesmo ótima. Sem comer carne vermelha, praticando esportes e vestindo-se de azul-turquesa. No entanto, uma coisa era certa — pensava Luciana — elogiar desse jeito traz ao peito uma espécie de desespero, causado pela inveja. Pois, por sua vez, nunca deixava sequer o cigarro.

Ela saía dançando e sorrindo, com a saia azul, que dilacerava um balanço íngreme pelo **dance**; chicoteava os pensamentos dela.

Luciana gostava de tecidos esvoaçantes e cores vivas; azul-turquesa sempre cai bem com preto e casaco. Tinha, também, um certo fascínio por botas de cano longo, mas era tão diferente em si própria... ficava tudo muito confuso, desajeitado, espalhafatoso. Prendia a respiração, e nada! Com ela, as coisas funcionavam diferente das revistas que comprava, e não eram só as roupas; esse pensamento lhe trazia de volta à realidade e ao momento presente. Estevão, ao seu lado.

— Não queria te deixar tão mal — ele dizia, copioso, ao seu lado.

Ainda estava no Ensino fundamental. Terminando o ginásio, seria a oradora da oitava “B”, quando teve seu segundo namorado. Era seu melhor amigo. Sempre que entrava, atrasado na sala de aula, puxava conversa com ela. Contava-lhe das brigas em casa; falava das suas dores de cabeça, das meninas de que gostava. Era uma espécie de mediocridade em vida: goleiro reserva do time do colégio, notas médias... sorridente, mas não se dava bem com todo mundo, enquanto ela era amiga de todos. Sem mais nem por quê, começaram a namorar. Ele não era um bom menino. Ela era uma boa menina. Os amigos diziam ser o casal perfeito. Ela era bonita e inteligente... ele era... bem, ele era “gente boa”, e estava tudo sob controle; por isso, ela não ia se desviar dos estudos, nem sequer iria se apaixonar, certo?

Errado. De repente, Luciana começou a tirar notas baixas. Envolvera-se de tal forma, que passou a contestar as bochechas gordinhas. Fez o primeiro regime — não por causa dele, é claro. Na verdade, era muito nova e nem pensava na possibilidade de se apaixonar. “Se apaixonar faz a gente esquecer os nossos objetivos”, dizia ela.

Apaixonou-se e, a princípio, a idéia não lhe parecia ruim; isso até levar um fora, e ele ficar com uma loira perfeita e fútil. Passou de ano por média, mas se arrastando.

— A vida é assim mesmo. Lamento. Nunca quis deixar você tão triste.

Tinha agora vinte e cinco anos, centímetros a menos de cabelo e centímetros a mais de cintura. A música alta era irritante. Como ele podia acabar uma relação tão bem resolvida, numa festa? E justo no dia em que ela estava querendo esticar? Tinha comprado aquela lingerie grafite... “Meu Deus, como sou ingênua!”.

— Tudo bem, vai... — sorriu — me dá um cigarro.

— Não estava tentando parar?

— Nunca cumpro minhas promessas — e, por algum motivo, dizer aquilo lhe dava um nó na garganta, um soco na barriga e uma incomensurável noção da realidade.

— Não se preocupe... vai encontrar alguém que te mereça. — “ele tinha que voltar ao assunto. Podíamos fingir que estava tudo bem” — não falo isso pra te agradar. Você é muito especial.

— Tudo bem... — “não seja hipócrita! Sou especial, mas você não quer mais ficar comigo. Sou especial, mas sempre acabo sozinha e fingindo que gosto de minha independência. Não me faça te bater. Não me obrigue a gritar!”.

Ele pegava o cigarro e lhe entregou, sem olhar.

— Devia falar o que sente..., sabe? Se expressar, dizer o que está sentindo. Fazer o que o seu coração manda.

“Meu coração manda chorar, compulsivamente... soluçar. Chamar Michele das piores coisas possíveis. Mas não sabe se quer te beijar ou te bater”

Ela acendia o cigarro; tragou.

— Mas eu estou fazendo isso. Não estou revoltada — e fez um gesto com a mão. Sorriu.— estou calma. Sêrio. A culpa não é sua nem dela — “minha é que não é”— quero que você esteja feliz, cara,— “foda-se!”— É claro que o fim é sempre triste; mas tudo o que se une, tem que se separar— “maldito Newton”.

— Sua calma me dá medo — ele riu. Nos filmes, quando o cara se apaixona por outra, elas furam os pneus do carro... No seu caso, sei lá...; podia entrar no meu apartamento com suas chaves, quebrar os espelhos, cozinhar meu cachorro...— Ele sorriu. “sugestivo e tentador”— pensou ela.

— Não seja bobo. Você não tem cachorro.

— Posso comprar um.

— Aliás, suas chaves.

Ela abriu a bolsa, procurando entre celular, papéis, calculadora. “Já vi esta cena”.

Estava no Ensino Médio. No terceiro ano, tinha mechas verdes no cabelo e seria uma ótima psicóloga ou dentista; não tinha decidido, ainda, quando o conheceu. Marcaram um encontro; ele quis esticar, ela não topou. Foi a sua melhor fase; fazia aulas de dança do ventre e exercia sobre ele uma certa expectativa. E, por alguma razão, homens sempre esperam muito de quem lê Camille Paglia e não tem medo de ter cabelo diferente. Nem ele próprio explicaria os desejos que teve quando a viu. Queria, por tudo no mundo, esticar aqueles malditos encontros no barzinho.

“Ainda é cedo”— dizia ela. Mas, por mais que saíssem, por mais que o tempo passasse e passasse, sempre era cedo. “Ainda é cedo”.

Ficaram duas, três, treze vezes, e nada acontecia. Namoraram.

— Sou virgem.

— Virgem? Como virgem? E o cabelo verde? Cadê a mulher moderna e ousada?”

Era estranho, mas, enfim, ele entendeu e achou até melhor; era especial ser o primeiro homem. Virou uma questão de honra pra ele. Disse que a amava e, embora ela tivesse ficado esquisita depois que o conheceu, tudo sob controle, e ela não iria cair nessa de novo, certo?

Errado. Perdeu-se, se apaixonou, se entregou. Ele a dispensou depois: “Não é você. Sou eu. Você é muito especial”, dizia, enquanto ela revirava na mochila livros, presilhas e espelho, na procura pelas chaves do apartamento dele.

— Aqui está. E diz pra Michele que não precisa ficar com vergonha de falar comigo. Nos conhecemos desde a faculdade de Jornalismo. Essas coisas acontecem... eu entendo.

— É... eu sabia que você entenderia... sabe que eu te admiro por isso? Você é mesmo superior...

— É, Mas ainda preciso parar de fumar.— disse, levantando-se e pondo no ombro a bolsa tiracolo. — Tchou, e boa sorte com a Michele.

— A gente se vê.— e saiu, dando passos firmes, sem olhar pra trás, pra passar uma imagem de filme.

“Furar os pneus... sabe que não é má idéia...?”

Feliz Natal!

Prova 02
CBJE

Feliz Natal!

Eu ainda não tinha caído em mim, da primeira vez que a vi roubar. Era tarde, mas ainda havia muita gente na parte escura da praça; não quero dizer que estivessem juntas. Voltava do quiosque, onde tinha comido pizza, em pé, no balcão, junto aos motoristas de táxi e um casal de lésbicas. Levantei-me do banco e fui passando por vários jovens, sentados nos degraus do Banco do Nordeste: moças e rapazes, alguns drogados, esperando o traficante; outros esperavam fregueses; outras estavam solitários, esperando o ônibus; esperando os pais; esperando o contato (eu, provavelmente); esperando acabar a noite, — esperando acabar a vida. Eu estava no meio dessa caricatura, quando uma menina levantou-se de um dos degraus do banco e caminhou na minha direção. Usava jeans stretch; suas pernas eram grossas e seus braços finos. A pintura da boca e dos olhos e os cabelos escuros davam ao seu rosto uma fragilidade mórbida.

Chegou muito perto de mim e sentou-se.

Seu rosto era decente; talvez fosse só uma estudante.

A moça tinha os cabelos negros, grossos, mais pra lisos do que pra cacheados, e tinha uma cor terrivelmente branca. Nos lábios, um terrível batom vermelho. Quem desconfiaria de alguém assim?

— Você que é Suzana? Ela permaneceu calada, sentada no banco da praça, e eu, do lado dela. — Sou o Boca. Tínhamos marcado.

— Sei.— respondeu; mas ainda não me olhava.

— Então quer entrar na parada... Agora me responde: o que eu faria com você?

Ela se levantou do banco e foi embora; eu não a acompanhei com os olhos. Algo naquela menina me deixava terrivelmente inquieto, intrigado.

— Espere! — gritei. Meu subconsciente gritou. Tudo gritou. Ninguém deixa Boca falando sozinho.

Ela não parou; continuou caminhando devagar, enquanto tirava alguma coisa da jaqueta jeans.

Eu me levantei. Andei, ferozmente, na sua direção.

— Estou falando com você! — e a puxei pelo braço.

Crack! A garrafa quebrou.

— Viu só o que você fez? — ela ergueu a voz. Começou a chover. — Me solta. E, de uma vez só, puxou o braço.

— Aonde você pensa que vai?

— Penso que vou pra minha casa. Está tarde. Algo errado? — ainda caminhando na minha frente, com passos largos, voz fria, calma, viril, grotesca — E sem me olhar. A moça tinha que voltar pra casa. Penso nela. Chegaria em casa, procurando não fazer barulho para não acordar os pais e nem a irmã no seu quarto; olha para o relógio e pensa no que dirá quando amanhecer. Depois de um tempo, decide que dirá a verdade e, tirando as botas, passa descalça pelo corredor que leva aos quartos, fazendo a descoberta que seus pais não estão dormindo e ouve barulhos estranhos, do quarto deles; surpreende-se, mas não se admira; diz algum palavrão, ao esbarrar na mesinha de centro; entra e dorme, para acordar e ver que todas as vidraças estão quebradas, e sua irmã, morta. Os pais não estão.

Corro atrás dela, que anda devagar, depois da esquina

Ela tinha mãe, pai, irmão, marido... tinha alguém que a esperava chegar. Marido? Marido não... não pode ser marido; é muito nova.

— Aconchego do lar. Típico de uma ladrazinha de botequim.— Segurei-a pelo braço, de novo; ela girou, quase se desequilibrando. — Escuta aqui, não tenho medo de bater em mulher.

Girou o rosto; os fios superiores, molhados, deram uma chibatada no meu rosto.

— Feliz natal pra você também.— a chuva começou a cair forte.— Ela olhou pra baixo, meio pro lado.

Natal? Já, Natal? Meu Deus! Minha mãe vai me matar! Mas isso não importava. Ela estava ali parada, na minha frente, olhando pro lado, sem suportar me ver.

— Eu não tenho com quem passar o natal, e você acabou de derrubar o único item da minha ceia.— e me olhou.

Tive medo dos olhos grandes e redondos... Mas, o que estou dizendo? Boca não tem medo de ninguém.

— Pinga no natal? Essa era a sua ceia?

— E você? — me salvem! Ela está ainda olhando pra mim! — nem tem com quem passar o natal. Fica ai planejando assaltos... Se toca! Os caras tão tudo Comendo peru e enchendo o cu de vinho.

— Como?

— Você é um otário. Não tem quem faça peru pra você? É só um babaca qualquer... Quer saber, faça o assalto sozinho! — puxou o braço. Era uma menina mesmo?

Eu ri.

— Eu nem sabia que era natal...

— Olhe em volta! Não tem ninguém que preste na rua. Só nós dois. Está chovendo! — ela sorriu. Nunca ninguém tinha sorrido pra mim daquele jeito. Não era doçura; era ironia, era deboche, pejoração; fosse qual fosse o nome dela, de que buraco tivesse saído.

— Você não deve ser daqui...

— Não mesmo. Por aqui só tem burguesinha... viciados, filhinhos-de-papai.

— Vem comigo! — e saí puxando-a pelo braço, com violência. Ouvia minha própria respiração arfante. Não era pena nem nada, mas eu tinha que ter um bom motivo pra me atrasar pra ceia de natal... uma amiga! Embora fedesse a cachaça... era a única saída.

— Pra onde você está me levando?

— Detesto quando me fazem perguntas.

Ela não gritou, em perguntou mais nada; ficou calada e acompanhou meus passos rápidos. No silêncio da rua, ecoavam nossos passos. E estava muito escuro.

Lá estava a minha moto. Eu subi, pus o capacete. Ela ficou ali, parada, me olhando.

— Não vai subir?

— Pra onde vamos? Tenho que ir pra casa.

— Eu te deixo lá.

— Eu moro longe.

— Não tem longe em cima de rodas. Sobee. Toma. — e lhe entreguei um capacete. E ela ainda ficou parada me olhado, por um tempo; depois, colocou o capacete e subiu.

Eu procurava não pensar muito; sempre evitei pensar. Evitei pensar na morte do meu tio; simplesmente fui lá ver o cara ser enterrado. Enquanto minha mãe chorava... “Era tão bom o Agenor... E agora? Como é que vão ser as tardes de quarta-feira?” — esse era o problema das pessoas: pensavam demais.

— Eu não moro por aqui.

— Mas eu, sim!

Ela se calou por um tempo; depois, voltou a conversar:

— E quanto ao assalto?

— Você é boa mesmo?

— Não levanto suspeita.

Eu ri

— Você tem uma cara pervertida. Como não levanta suspeita?

— Suspeitariam de uma prostituta viciada. Não de uma ladra. Sou muito fraca de corpo, desengonçada; ninguém me imagina com uma arma ou dando soco.

Lembrei-me de quando ela puxou o braço. Realmente, sua força não dava pra imaginar.

Eu morava numa rua calma e meio escura. Parei a moto. Descemos.

— Por que você me trouxe aqui?

— Pra você comer o peru que tanto quer.

Ela tirou o capacete. Podíamos ouvir músicas católicas, da calçada, e meus tios esquisitos contando piadas na garagem. Uma casa de portões abertos. Segurei-a pela mão e entramos.

— André! Pelo amor de Deus, o que houve com você? São duas da manhã; isso é hora de chegar pra o natal? Sua madrinha quase morre! E seu pai, então? Tive que inventar uma historia e...

Eu aponteí pra a menina.

— Oi, bem!... Qual é o seu nome?— Teria ficado assustada com a aparência dela numa outra ocasião, mas já tinha bebido licor demais; conformava-se com o fato de que ela pudesse ser minha namorada; que iríamos casar, e que ela teria netos, um dia.

— Suzana

— Isso. — eu interrompi — Suzana, minha namorada. Eu estava na casa dela, na ceia de lá; só pudemos vir pra cá, agora. Feliz natal, mãe!

— Oh, meu filho, feliz natal! — e me abraçou comovida, fazendo-me soltar a mão de Suzana. Abraçou-a, também, depois.

— Ainda tem panetone e vinho, na cozinha. Mas beba só um pouquinho; vocês ainda são muito jovens. Geração saúde.

Puxei Suzana pela mão, arrastando-a por meio de parentes, que eu não cumprimentava, em direção à cozinha. Com passos rápidos, ela não dizia uma só palavra. Entramos lá, e fechei a porta.

— Esbalde-se!

Ela começou a rir. Rir mesmo, sem parar. Fechava os olhos e apertava as pálpebras. De que ela ria, diabos? Eu me sentei e fiquei calado, olhando. Ela puxou uma cadeira e começou a rir mais ainda, puxando ar. Enfim, parou. Pegou uma faca e partiu um pedaço de panetone.

— Achei que você fosse idiota...

— E então?

— Agora tenho certeza.

E, de repente, uma onda estranha me subiu; tive vergonha da minha mãe, dos meus tios, do vinho, do panetone...

— Por que diz isso?

— Esquece... — disse com a boca cheia. Pegou uma das garrafas de vinho e pôs dentro da jaqueta. Comeu mais um pedaço de panetone e se levantou, saindo pela porta da cozinha— vem comigo! — ela disse.

Peguei o resto do panetone e a acompanhei.

— Agora me deixe em casa. Tenho que chegar logo.

Demos a volta e montamos na moto; saímos e ninguém notou.

— Onde você mora?

— Vá em frente; eu vou ensinando.

Não me lembro por quanto tempo ficamos em cima daquela moto, mas paramos em uma casa minúscula, onde ela morava, sozinha. Desliguei a moto e tirei o capacete.

— O que houve?

— Estou meio enjoado.

— Acostumado a beber?

— Sou. Mas devo ter bebido algo que não prestasse.

— Senta aí, que depois passa.

Sentei no batente; ela sentou ao meu lado.

“— Todos os dias quando acordo não tenho mais o tempo que passou...”

“...mas tenho muito tempo” — e começamos a cantar juntos.

Comemos do panetone e acabamos o vinho. Não sei onde foi parar o meu enjôo, mas uma ternura era despertada por ela.

“*O que foi escondido e o que se escondeu, e o que foi prometido, ninguém prometeu, nem foi tempo perdido, somos tão jovens...*” — gritávamos *tão jovens, tão jovens, tão jovens...* E, depois de acabados o vinho e as músicas, o céu já estava claro. Embora bêbado, eu notava que eram umas cinco horas. Levantamos do batente.

— Feliz natal!

— Feliz natal!

E, sem premeditação, nossos lábios começavam a se aproximar. Sua boca estava tão vermelha quanto quando a vi? Mas ela já tinha comido e bebido; não deveria estar mais. E ela fechou os olhos e nossas bocas se aproximaram mais. Eu senti uma dor forte nos meus olhos fechados, como se fosse uma lâmpada fluorescente, e acordei.

farva

A

Prova 02
CBJE

A farsa

Brotava do céu uma fresta de luz viva; um raio de sol que, ainda assim, brilhava discreto, entre a nebulosidade. Seus olhos, em meio a esmo, perdiam-se entre uma direção e outra. E quantas pernas passavam! Sob o seu inconsciente, via-as indo de lá pra cá, enquanto as poças se dividiam entre as mais e as menos sebosas. O chão estava frio, e ainda estava volátil a friagem sobre ele. Seus cabelos estavam molhados, suas roupas estavam molhadas, mesmo estando escondido pela sombra pateticamente engeirado no que restava do teto da loja.

Usava uma camisa de mangas curtas, em moletom. Tinha mais duas daquelas: uma vermelha e outra preta, dadas pela mãe, para o caso de se arruinarem.

Confortavelmente sentado no chão, como um parasita asqueroso. No chão, não se sentia inferior; seu rosto rasgava uma afetada expressão de superioridade. Um rato de esgoto, que usava perfumes sintéticos e fazia-se de camundongo. Sentia-se era mais poderoso! Dessa maneira, podia derrubar qualquer um dos que passavam desfilando sapatos caros, da ultima moda, apenas precipitando um pé.

O chão era sim, duro!; mas, se sentia dores, seguia dolorido, sentia-se baixo, subia as cacundas de alguém, sentia fome, seguia faminto. “O que importa é não estar vencido”.

Voltou a olhar os sapatos que passavam muito rápido, sentindo o frio da calçada, o gelo do cimento e olhou também para os próprios sapatos. Estavam sujos. Sapatos que, por sinal, custaram “os olhos da cara”.

Ele passou a mão pelo cavanhaque, que fazia lembrar sua mãe, e ficou ainda mais sério — “Não se sente no chão, porque pode acabar sujando a roupa.” Acontece que ela já estava suja. Estava imunda. Isso, sim, fazia-o sentir-se menor. Não tinha etiqueta e estava podre de suor de mão, com cheiro deplorável de vinagre, com doenças de meninos catarrentos, com cheiro de sacolas de plástico, que farfalham muito alto e gritam. Não adiantou tê-la lavado, assim que chegou em casa, com os pés cheios de bolhas e dizendo, como se fosse uma glória, por quanto a comprara na liquidação.

Um desses sapatos pisou com força demais numa poça de lama, fazendo respingar nele e sujar sua calça jeans. Então, num surto, levantou-se de raiva, como se algo o puxasse com força. Mas que problema haveria lembrar sua mãe ao passar a mão pelo rosto? — Nenhum, ora!, se não lembrasse uma mulher embriagando-se, moderadamente, com pouca bebida, devido aos oitenta reais que recebia por semana.

— Tire isso, Luís; está parecendo um veado!— gritava, com o hálito de aguardente.

— Droga!— reclamou, pondo a mão no bolso esquerdo— esqueci o dinheiro!

Continuou andando, no sentido do ônibus; mas seus olhos reviravam; caladas as falhas no calçamento. Olhar para as suas roupas o faziam lembrar Samuel e as vezes em que saíam sozinhos, à noite. Samuel tinha um jeito próprio de se vestir e fazia com que todos prestassem a atenção em sua presença: camisa preta, calça preta, carro preto. E, depois, ainda criticavam! “fútil, superficial, idiota, babaca”— chamavam de superficial tudo aquilo. Era necessário. Eles não viam?

Então, tropeçou numa das falas; tinha resolvido andar pra frente. Agora, nada o faria mudar de idéia. Atravessava a rua: um bando de garotos com barba por fazer, camisetas... — ah, isso era fundamental! — nelas, Che Guevara, slogans comunistas. Caminhavam falando muito, uns com os outros. Mas espere! Tinha meninas, também. Meninas pelas quais jamais se interessaria. Nem pareciam meninas... perdiam-se com coisas na mão. Eram engolidos, feito sardinha, por aquela multidão.

“Os revolucionários...”, falou com desdém, com ironia. “Os revolucionários da sala ao lado, pregando com lombriças, como padres desvairados, um sistema sem tantos bens de consumo.

E até tentou pensar nisso com simpatia, por uns tempos. Pensar na maravilha da utopia... Mas lembrava de Samuel, quando pensava nisso. Via seu rosto alucinado pelas luzes azuis e pelas pulsações das boates. Sentia o cheiro do seu drinque.

— Sabe, Luis... nada se compara a isso aqui. Chamam de supérfluo, mas é necessário. É necessário pra mim. É necessário pra você.

— Mas, e se acaba?

— Então, tudo estaria acabado.

Havia mais naquelas frases. E só agora ele conseguia entender. Então, caminhou pelo lado oposto da calçada; seus pés quebravam o equilíbrio que havia no chão. No peito, o coração uivava, batendo, com mais força, no estomago, que, faminto, comia suas tripas e degolava o nada.

“Preciso de comida, de dinheiro, de toalha; é vital!”.

E pôs as mãos no bolso.

A mãe dizia que o pai era rico.

— Se era rico, eu deveria ter pensão?

— Ele é casado. Agora, cala a boca e come tudo.

Podia, então, ter feito em escândalo. Exigir seus direitos, mas falar aquilo era bobagem.

— Ora menino! Eu me mato de trabalhar, e temos tudo de que precisamos. Não fale de nós como se fôssemos miseráveis.

E não eram?

“Preciso de comida, de dinheiro, de roupas, de amigos”

O que havia de errado com ela, que não entendia? O que ele queria era o necessário, e o necessário não lhe completava como homem; não o faziam sentir-se feliz, nem belo.

Que horas seriam?

— Com licença; que horas são? — perguntou ao senhor. Eu vinha na direção contrária.

— Meio-dia! Hora do almoço. — sorriu ele.

Rapidamente, tirou do bolso direito uma espécie de canivete; girou o canivete na palma da mão, e a lâmina brilhou, na pouca luz que vinha do céu. Apontou.

— Sei... hora de passar o relógio, vovô!

Ele se calou, enquanto abriu a pulseira, desfazendo, drasticamente, o sorriso debilóide. Seus olhos ficaram rasos d'água. E lá se ia o último presente do filho morto. Procurava um policial, com os olhos. Não achava.

Os Anjos

— Vamos lá, doutor. Não seja hipócrita!

As mãos dele tremiam, e sua respiração profunda não deixava esconder. Sabia do que ele estava falando.

O céu fechou o tempo, juntando, novamente, seus blocos, vistos através dos cabelos loiros da menina que passava ao lado.

Samuel acreditou naquelas luzes azuis e no orgástico destino que se transpunha atrás deles, dia após dia. Se estivesse vivo agora, tudo estaria acabado. Tudo não passava de ilusões.

Prova 02
CBJE

Os Anjos

*É tão bonito falar de virtude e anjos
Caídos no escuro sem sonhos e sem nada
Mas há aqui um calabouço de migalhas
E gritos desesperados que não sabem onde vão
Esses anjos morrem de depressão
E a pureza daquele olhar
Quem diria, quase pude tocar...*

*E no meio da escuridão
Vozes perdidas debatem-se pedindo atenção
Seguindo luzes, perdem a direção
Enquanto músicas melancólicas saem de lugar nenhum
E a pureza daquele olhar
Eram espelhos d'água prestes a quebrar*

*E acordes suicidas choram na madrugada
Sangue empoço vales e calçadas
Lágrimas e chuva e tardes nubladas
Não tente dizer que é só hoje e isso passa
Disseram isso ontem também
E a pureza não diz nada a ninguém*

Débora Ferraz

Livro produzido pela
Câmara Brasileira de Jovens Escritores
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
<http://www.camarabrasileira.com>
E-mail: cbje@uol.com.br